

## Comprem a democracia: o papel dos meios de comunicação de massa e do liberalismo na redemocratização do Chile

André Spigariol Rinaldi<sup>1</sup>

### Resumo

Em 1988, os meios de comunicação chilenos, em especial a televisão, desempenharam um papel decisivo para a derrocada pacífica do regime militar de Augusto Pinochet Ugarte (1973-1990) no plebiscito daquele ano, a partir da veiculação da exitosa campanha de propaganda eleitoral pela opção "No" (Não) à continuidade do general no poder. Pela primeira vez em 15 anos os lares de todas as partes do Chile recebiam em seus televisores conteúdos, informações e opiniões contrários ao governo, que exerceu forte controle sobre a mídia e grupos opositores desde o primeiro dia do golpe contra o governo democrático de Salvador Allende Gossens. O triunfo do "No" confirmou uma tendência inevitável que a sociedade e mídia chilenas dos anos 80 apresentavam, com uma crescente pressão social pela libertação das amarras autoritárias e instrumentos de repressão sobre os cidadãos. Por conta da adesão da grande mídia ao Regime - seja por meio de censura ou afinidade ideológica - há poucos estudos sobre o impacto de sua atuação para a redemocratização do país; em geral, aponta-se que os veículos alternativos, por seu caráter contestador, tiveram maior relevância para o retorno à democracia. Sem embargo, neste trabalho é apresentada uma visão que diverge das mais comuns, mostrando como os meios tradicionais de comunicação massiva e o contexto de liberalismo econômico ao qual estavam submetidos foram determinantes para que a pressão pela liberalização política do Chile se tornasse insustentável para Augusto Pinochet e seus comandados.

**Palavras-chave:** *Liberalismo; comunicação de massas; televisão; ditadura; Pinochet.*

### 1. INTRODUÇÃO

"Le agradecemos su visita a Chile en este momento tan difícil. Creemos que usted tendrá un mensaje para que los poderosos dejen el orgullo y el egoísmo y nos dejen de matar en las poblaciones y nos traten como hermanos de verdad" (POBLADOR, 2012).

---

<sup>1</sup> Graduando em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Em intercâmbio acadêmico na Pontifícia Universidade Católica do Chile (Santiago), 2014, foi editor e apresentador do radiojornal Acceso Directo da Radio UC e estudou a relação entre a política e a atuação dos meios de comunicação no Chile.

A voz trêmula de Mario Mejías, então líder comunitário da *población* de Lo Hermida, fez vibrar e estremecer os corações de milhares de habitantes da periferia de Santiago, que se amontoavam para assistir ao encontro do Papa João Paulo II com a população pobre da região metropolitana. Era quinta-feira, 2 de abril de 1987, em plena ditadura militar. As palavras de Mejías ecoaram não apenas em La Bandera, local onde acontecia o ato, mas também nas casas de milhões de chilenos, que acompanhavam atentamente cada passo do pontífice em seu país pela grande cobertura jornalística empreendida pelo Canal 13, então controlado pela Pontifícia Universidade Católica do Chile.

Em meio a outros protestos contra o governo militar e de declarações do próprio Karol Wojtyła a favor da liberalização política, a declaração que inaugura este trabalho acadêmico poderia muito bem ser o símbolo de um ponto de virada na conduta dos meios de comunicação chilenos em relação ao regime de Augusto Pinochet: a pressão pela queda do regime estava na pauta da mídia de massas tradicional.

No permanezcáis pues pasivos; asumid vuestras responsabilidades en todos los campos abiertos a vosotros en nuestro mundo” (Carta a los jóvenes con ocasión del Año internacional de la juventud, n. 16, 31 de marzo de 1985). Ahora, en este estadio, lugar de competiciones, pero también de dolor y sufrimiento en épocas pasadas, quiero volver a repetir a los jóvenes chilenos: ¡Asumid vuestras responsabilidades! Estad dispuestos, animados por la fe en el Señor, a dar razón de vuestra esperanza (JOÃO PAULO II, 1987).

Desta forma, detalho neste artigo um estudo dos acontecimentos políticos, sociais e econômicos que levaram a mídia de massas a tomar uma posição a favor da abertura do Chile para um modelo de Estado Democrático de Direito.

## 2. REVISÃO DA LITERATURA

### 2.1. Antecedentes políticos que levaram ao Golpe Militar

O Presidente Salvador Allende, do Chile, suicidou-se ontem com um tiro na boca no Palácio de La Moneda, segundo dois repórteres do jornal “El Mercurio”, que entraram no Palácio e viram o corpo reclinado num sofá, no meio de uma poça de sangue. O Palácio fora submetido a intenso bombardeio de aviões e tanques durante mais de quatro horas.

(...) Allende, antes de morrer, disse a dois dos seus mais próximos colaboradores, Orlando Letelier e José Toha: “Estas são as últimas palavras que vocês ouvirão de mim. Confie em seus dirigentes. Continuem a confiar no povo”.

(...)

A Junta Militar justificou o levante: Pôr fim à “gravíssima crise econômica, moral e social do Chile”, devido à incapacidade do Governo de conter o caos, o crescimento de grupos armados e organizados por Partidos da coalizão governamental, e ter fortalecido a luta de classes, “uma luta fratricida alheia à nossa formação”.

Nos últimos meses, a economia chilena ficou praticamente paralisada, em consequência de uma sucessão de greves, tanto no setor de produção como de comércio, de uma inflação sem controle e que pode chegar a 400% este ano. Sem crédito no exterior, as importações caíram a níveis insignificantes, causando escassez de combustíveis e até mesmo de alimentos (JORNAL DO BRASIL, 1973).

Os trechos acima foram extraídos da histórica capa do Jornal do Brasil de 12 de setembro de 1973. À época, conivente com o golpe militar no Chile, o governo ditatorial brasileiro ordenou, por meio de seu aparelho de censura, que nenhuma manchete fosse dada ao caso nos periódicos brasileiros. Ousado, o *JB* inovou, noticiando o golpe contra Salvador Allende na capa da edição, porém sem manchetes nem outras notícias, simbolizando o luto pelo assassinato do primeiro líder socialista eleito democraticamente no mundo e pela queda de uma democracia consolidada, que vinha avançando em políticas progressistas em um continente marcado pelas sucessivas investidas militares contra o poder constituído pelos civis.

Os antecedentes históricos do Chile dos anos 60 e 70 já apontavam uma clara tendência à “revolução” dos militares, apesar da fé que Salvador Allende depositava no respeito destes à constituição, inclusive nomeando integrantes das forças armadas para seu gabinete ministerial como forma de apaziguamento das tensões da luta de classes no início dos anos 70, que criaram verdadeiro caos no conflito entre a elite e as massas.

Segundo González (p.26), “o papel desses ministros não era o de defender supostas posições no gabinete, mas ao invés disso defender os militares junto à classe trabalhadora”. No entanto, o golpismo desenfreado da elite capitalista foi apenas o ápice de um iceberg que vinha se construindo nos dois governos anteriores ao da Unidad Popular, de Allende. Segundo León, ambos os períodos foram marcados por “lutas sectárias de utopias intransigentes” (p.69).

Governando o país entre 1958 e 1964, o presidente Jorge Alessandri direcionou seus esforços a uma agenda de modernização do país através de mecanismos de mercado, “das mais amplas liberdades econômicas” (idem), para ampliar a produtividade da economia, elevar o nível de emprego e reduzir a inflação crônica que se arrastava há décadas. O plano fracassou, tanto no âmbito prático quanto no político, dominado por fanatismos ideológicos e interesses partidários sectários. No sentido pragmático, o

desenvolvimentismo mostrou sua face ainda mais perversa sobre a economia. Segundo dados dos indicadores de desenvolvimento do Banco Mundial, a inflação anual saltou de 7,5% em 1961 para 46,4% em 1964, com níveis moderados de crescimento econômico no mesmo período.

Com o fracasso da direita, Eduardo Frei chega ao governo representando a Democracia Cristã, com um programa de reformas sociais que propunham “uma **revolução em liberdade**” (LEÓN, 2015, p.70, negrito no original), um conceito próximo ao que seria o mote de Salvador Allende, estabelecer um governo socialista baseado na mudança gradual e sem rupturas institucionais. O governo de Frei foi baseado no diálogo e colocou como pautas principais a reforma agrária e a interferência do estado empresário na indústria de mineração de cobre, principal produto de exportação do Chile (idem). Ainda segundo León, este foi um período marcado pela promoção da educação pública, resultados econômicos favoráveis e ações governamentais em favor da classe média e da camada mais empobrecida do país.

No entanto, a pesar destes avanços práticos, a esfera política foi, novamente, um entrave, segundo León (2015, p.70):

A pesar de este positivo desempeño que activa las esperanzas en sectores sociales postergados durante muchos años, las divisiones internas en el partido de gobierno, la radicalización del debate público, la violencia política, la aparición de grupos terroristas de derecha y guerrillas urbanas de inspiración fidelista, así como el surgimiento del golpismo en las fuerzas armadas desestabilizan severamente al país. Los partidos marxistas agrupados en el Frente de Acción Popular (FRAP), derrotados ampliamente en las últimas elecciones, desarrollan una política de irreductible oposición frente a casi todas las iniciativas oficiales.

A radicalização atinge também a cúpula do governo centrista, fazendo com que a Democracia Cristã se fragmente em conflitos ideológicos e perca importantes quadros do partido. É assim que dirigentes importantes renunciam ao partido de Frei; deste movimento surge com destaque o MAPU (Movimento de Ação Popular Unida), que se integra à Unidade Popular. Esta, melhor articulada, foi capaz de aglutinar uma esquerda unificada para as eleições seguintes, enquanto o candidato do oficialismo, Radomiro Tomic, lançou uma confusa chapa democrata cristã, que buscava uma aproximação da ala de esquerda do partido aos setores marxistas para construir uma via de desenvolvimento não capitalista (LEÓN, 2015, pp. 70-71).

Así las cosas, se desmorona el plan de pacíficas reformas y el país vuelve a polarizarse entre la izquierda de Allende y la derecha de Alessandri, tal y como había ocurrido en la elección presidencial de 1958. El ex Presidente Alessandri regresa a la vida pública para hacer frente al riesgo comunista que atemoriza nuevamente a buen parte de la sociedad. La ya frágil estabilidad política del país se resiente aún más. Es el camino hacia un conflicto definitivo e inevitable. (LEÓN, 2015, p. 72)

As tensões se acumulavam no ambiente político e o próprio Eduardo Frei já se via afrontado pelo gérmen do movimento golpista, quando, em setembro de 1969, um grupo de militares se recusa a dar honras à comitiva presidencial durante as comemorações do aniversário da independência (idem).

Em 1970, Salvador Allende vence as eleições presidenciais com uma pequena margem sobre Jorge Alessandri: 36,3% dos votos contra 34,9%. À época, a Constituição determinava que o presidente seria eleito pelo Congresso, por conta da reduzida margem obtida por Allende nas urnas. Após uma prolongada negociação, a DC acata a vitória da UP mediante a assinatura de um Estatuto de Garantias, “que consiste em um conjunto de reformas constitucionais para o resguardo dos direitos democráticos” (LEÓN, 2015, p. 73).

O programa de governo da Unidad Popular sempre foi revolucionário e sua inspiração principal era o rompimento do estado com o capitalismo burguês nacional e internacional, em funcionamento até então, e com o reformismo que marcara o governo anterior da Democracia Cristã, representando todos os partidos e correntes ideológicas de esquerda revolucionária. O documento contemplava a construção de um “Estado Popular” (UNIDAD POPULAR, 1970) que garantisse representatividade no Estado aos movimentos sociais e à massa trabalhadora empobrecida, além da construção de uma economia planejada e estatizada em sua maior parte.

Logo que assume o Palácio de La Moneda, Allende trata de colocar o programa em prática: consegue a aprovação da lei de nacionalização do cobre sem oposição no Congresso, expropriando as ricas minas de cobre de empresas estadunidenses. No entanto, os parlamentares não aprovaram as tentativas de estatizar as grandes empresas, o que faz com que o governo utilize um esquecido decreto – ainda em vigor - da República Socialista (1932), que permite a expropriação de qualquer indústria considerada estratégica para a economia. Segundo a Biblioteca Nacional do Chile:

Además de la expropiación (que generalmente era precedida por la toma de la industria por parte de sus trabajadores), el gobierno utilizó otros mecanismos

como la compra de acciones, lo que le permitió controlar casi el 80 por ciento de las industrias y un número importante de bancos.

Além da estatização, Allende aprofundou as reformas sociais dos governos anteriores, como a agrária. Fora disso, os gastos com saúde e educação elevaram o nível do atendimento público nestas áreas, como demonstram os dados do Banco Mundial em que melhoram a expectativa de vida, a inclusão de mais crianças na escola e diminuição da evasão escolar.

Indicador	1970	1971	1972	1973
Expectativa de vida	62	62,6	63,2	63,9
% de concluintes da educação primária em idade escolar	77,1	83,4	86,9	87,2
% de jovens matriculados na educação secundária	46,1	51,6	55,2	57,6

Fonte: Banco Mundial, Indicadores Mundiais de Desenvolvimento

O preço a se pagar por tamanho gasto público desenfreado, a despeito do óbvio ganho social, logo deu as caras no manejo econômico da Unidad Popular, que endividou o estado para solucionar sua balança de pagamentos deficitária. De acordo com a Biblioteca Nacional do Chile:

El gasto social provocó un creciente déficit en los recursos fiscales que el gobierno intentó solucionar mediante la emisión monetaria fiscal. Esto generó un proceso inflacionario que se vio agravado por severos problemas de abastecimiento, acaparamiento y sabotaje empresarial. Junto a esto, el gobierno debió enfrentar la virulenta oposición del Partido Nacional, al que luego se unió la Democracia Cristiana que en sus inicios había apoyado la elección de Allende y su programa de gobierno. También se sumó el rechazo de gremios como el de médicos, comerciantes minoristas, camioneros y mineros de El Teniente.

Ao contrário do que prometia seu programa de governo, a Unidad Popular não conseguiu dar uma solução à crise que vivia o Chile do final do governo Frei: ela agravou-a. Nem sequer a crise política foi amenizada: Allende se viu encurralado pelos distintos setores da UP, pressionado pelos mais radicais a aprofundar o processo revolucionário e pela oposição de extrema direita favorável à sua saída do governo. Neste complicado jogo de poder, ele passa a sofrer críticas dos movimentos de base de trabalhadores e a ceder

espaço para políticos da oposição em seu gabinete ministerial, inclusive militares, como aponta Mike Gonzalez (p. 26-29), como estratégia de contenção da desordem social e econômica.

Essa postura muitas vezes contraditória e indecisa gerou um vazio de poder em meio a uma sociedade ainda mais polarizada do que há uma década.

Não havia nada de revolucionário no pacote da UP, apesar das afirmações da mídia do mundo todo de que o Chile havia eleito seu primeiro presidente "marxista". Seu conteúdo diferia pouco do programa de reformas de Frei, sendo um plano keynesiano ortodoxo para reativar a economia. Não continha nenhum desafio ao domínio do capital privado. Pelo contrário, deu à burguesia industrial um conjunto de garantias e proveu os proprietários de terras com generosas indenizações (GONZÁLEZ, p.6).

Sem embargo, a UP conseguiu manter seu apoio popular, obtendo maioria nas eleições parlamentares de 1973. À oposição, então, restou a alternativa golpista, consolidada em 11 de setembro de 1973, com a insurreição dos militares e derrubada do governo da Unidad Popular.

## 2.2. Breve histórico dos meios de comunicação de massa no Chile

Segundo Arroyo (2008, p.1), o sistema midiático do Chile contava com um número expressivo de meios de comunicação impressos, que imprimiam em suas páginas distintos pontos de vista e visões de mundo sobre os acontecimentos do país em todos os âmbitos: economia, política, cultura, sociedade. Estes meios, além de tudo, contavam com uma importante audiência (DERMOTA, 2002 e SANTA CRUZ, 1988 apud ARROYO, 2008). O autor aponta que a consequência disso, “o posicionamento da sociedade (leitora) na agenda nacional”, cresceram posturas antagônicas na esfera pública e até mesmo “excludentes e agressivas”.

Esse fenômeno de polarização das massas recebeu, segundo Arroyo, apoio da imprensa:

Cabe agregar que esta masa lectora incluía a todos los sectores sociales y económicos, ayudado esto en que en muchos casos existían medios dirigidos a un segmento específico de la población, pero, abarcando ellos, en casi todos los casos, los distintos grandes temas en discusión de la época, adaptándolos al estilo y sensibilidad política de cada periódico y a su público objetivo (ARROYO, 2008, p.1).

De acordo com Eugenio Tironi e Guillermo Sunckel, o peso da “imprensa política” cresceu significativamente quando a polarização da sociedade chilena atinge o ápice: a vitória de Salvador Allende. Junto às publicações doutrinárias, cresce o número de impressos destinados ao fomento do enfrentamento político.

Também figurava com destaque o rádio como meio eficaz de atingir as massas. Sua introdução e massificação na sociedade chilena, nos anos 1930, se deram de forma relativamente rápida, um crescimento impulsionado pelas emissões comerciais, que encontraram um ambiente muito mais favorável à empresa privada do que a televisão encontraria futuramente.

De acordo com Eduardo Santa Cruz A:

En la década de los '40 ya existía un sistema radial consolidado, que desarrollaba un cierto número de géneros y formatos de manera estable, entre los que destacaban los periodísticos. Durante esos años existió en Santiago una quincena de emisoras en la capital y la mayoría de ellas constituyeron la columna vertebral del sistema por décadas y algunas permanecen vigentes hasta la actualidad. De igual forma, ya existían radios a lo largo de todo el territorio nacional.<sup>11</sup>

Apesar do desenvolvimento privado e com foco comercial, a centralidade que o rádio adquiriu na vida dos chilenos, seu poder de dialogar com as massas e estabelecer uma esfera pública foram aspetos importantes para consolidar, segundo Santa Cruz, meios de comunicação de serviço público nas ondas radiais.

A centralidade do rádio no sistema de meios de comunicação se manteve por um longo tempo e só seria substituída décadas mais tarde, com o desenvolvimento tardio da televisão, que chegou ao Chile apenas em 1952, em caráter experimental nas universidades. A excessiva preocupação dos governantes chilenos com o poder da TV freou o crescimento dos canais privados em moldes estadunidenses, que só passariam a operar no país após a ditadura militar. Desde 1957 até então, apenas universidades e o estado operaram canais de televisão, graças ao primeiro decreto que regulamentou a emissões televisivas no país, de 1958.

Apesar de sua tradição liberal, o Chile atribuiu historicamente um caráter de serviço público à televisão, em moldes mais europeus do que americanos, o que explica a opção de um marco regulatório monopolista e a menção expressa de universidades como possíveis concessionárias de canais.

La primera norma que reguló la televisión fue el decreto 7.039 del 28 de octubre de 1958 firmado por el Presidente Carlos Ibáñez del Campo, a sólo 7 días del cambio de mando al Presidente electo Jorge Alessandri Rodríguez. La normativa fijaba criterios generales para la televisión en Chile:

1. Permitir la concesión para constituir principalmente canales comerciales, sin requisitos de contenidos de programación y también canales educacionales, con requisitos de contenidos de programación específicos.
2. Posibilidad de instalar estos canales en ciudades principales y en todo el país.
3. Los requisitos técnicos y económicos para permitir el funcionamiento de canales grandes, medianos y pequeños.
4. Las concesiones eran sólo para ciudadanos y empresas chilenas.

Dada esta regulação e à resistêcia de Jorge Alessandri em permitir concessões a empresas privadas, os canais universitários consolidaram seu monopólio com fins educativos. O caráter experimental manteve-se até os anos 1960, especificamente o ano de 1962, quando a Copa do Mundo foi transmitida pela TV, o primeiro grande evento exibido nas telinhas do país (MAULME, 2006, p. 25). Proibida por lei, a publicidade paga nos canais tornou-se indispensável e inadiável, dada a ausência de subsídios estatais para o seu funcionamento (idem). Contrariado, mas evitando um conflito político maior com as universidades, Alessandri decide fazer vista grossa, o que mudaria para sempre o sistema televisivo chileno:

Esto hizo que surgiera una televisión mixta “educacional-comercial”, que no respondía en su esencia a ninguno de los dos modelos. Ni al europeo ni al americano. Una televisión que hasta hoy deja su herencia, con un financiamiento casi 100% comercial, que debe ceñirse a un “correcto funcionamiento” y en el caso de TVN con exigencias editoriales y programáticas que deben pelear su sustento económico con las reglas del mercado publicitario (MALUME, 2006, p.25).

Com a chegada de Eduardo Frei ao poder, um entusiasta do enorme impacto da TV sobre as massas, a filosofia do estado chileno com relação ao espectro televisivo mudou. Tanto que um novo ator estatal entra em cena em 1969, a Televisão Nacional do Chile (TVN). Com Allende, em 1970, o Estatuto de Garantias Constitucionais elevou o monopólio legal do sistema ao âmbito constitucional, restringindo o número de canais, já que o texto previa que “somente o Estado e as universidades teriam o direito de estabelecer e manter estações de televisão, cumprindo com os requisitos que a lei assinale” (SIERRA, 2006, p. 120, apud MALUME, 2006, p.27).

Durante el gobierno de Allende los canales de televisión tampoco escaparon a la polarización de la sociedad chilena. Canal 13 de la Universidad Católica de Chile y el Canal 5 de la Universidad Católica de Valparaíso le hicieron férrea

oposición. Canal 9 de la Universidad de Chile defendió a Allende y TVN, como canal de gobierno más que del Estado, apoyó de manera abierta a la Unidad Popular (MAULME, Ibid, p. 28).

### 2.3. Os meios de comunicação no Chile entre 1973 e 1990

Assim que assassinou o presidente Allende, o Golpe de Estado de 1973 já modificara profundamente o sistema comunicacional chileno. Segundo Tironi e Sunckel (1993, p.221):

La mayor y más inmediata fue la supresión de los vínculos establecidos entre una parte de los medios y los partidos políticos. Radios, revistas y diarios de propiedad de los partidos de izquierda que componían la Unidad Popular fueron confiscados por las autoridades militares, y posteriormente asignados al propio Estado o vendidos a empresas particulares.

Apontam os autores que os militares se relacionavam com os meios de comunicação atendendo à lógica de controle político vigente. Em sua fase de instalação, a ditadura perseguiu e acabou com a imprensa política, colocou os canais de televisão e rádio sob seu controle, prendeu e assassinou jornalistas e instituiu a censura estatal. Nos anos 80, essa lógica política se manteve, “mas deixou de ser a única e principal dinâmica que rege a evolução do sistema comunicativo” (ibid, p.222). Ocorre que, com a introdução de políticas neoliberais na economia chilena, os meios de comunicação de massa passam a responder mais a incentivos de mercado do que propriamente ao controle do aparelho repressor.

En este sentido, lo fundamental es que, durante el régimen autoritario, especialmente desde que se consolida el proceso de liberalización económica, el sector privado logra afianzar su predominio sobre el conjunto del sistema comunicativo.

Na televisão, o ambiente próspero vivido pela economia liberal - com crescimento econômico e do consumo do chileno médio – a publicidade inunda os cofres das emissoras, agora livres para auferir rendimentos a partir da exibição de comerciais.

Ao mesmo tempo, a dissidência da imprensa política cria seus próprios canais de resistência e luta por liberdade de expressão, informação e opinião, por meio de jornais e revistas contrários ao regime, a chamada imprensa alternativa, que, no entanto, não alcança relevância de massas, ficando restrita aos círculos políticos aos quais se destinava.

De hecho, hasta que se inicia la dinámica del plebiscito presidencial de 1988 la prensa alternativa opera como soporte de un discurso que contiene una crítica

radical al régimen autoritario. En términos generales, y más allá de sus diferencias, estos medios sostienen la crítica priorizando tres tipos de temas: los derechos humanos, la pobreza y la actividad política (Ibid, p. 227).

### 2.3.1. Modernização das comunicações

Ao lado da luta dos meios alternativos pela democracia, esteve um movimento de resistência muito mais sutil, incentivado pelo próprio regime militar, a partir da já mencionada liberalização econômica do sistema de meios de comunicação. Foi durante os anos 80 que essa dinâmica se estabeleceu, também por conta do efeito massificador e centralizador que TV adquire, uma vez incentivada e desenvolvida em uma sociedade.

Assim, segundo Tironi e Sunckel (1993, p.230), ocorre uma transição de um sistema comunicativo “fortemente centrado na política” e dependente do Estado a um sistema de massas “articulado em torno da TV”, crescentemente sob controle privado e orientado pelo mercado, isto é pelas preferências do público. Este processo, segundo Tironi e Sunckel, gera alguns impactos muito importantes:

1. Aumento da cobertura dos meios de comunicação de massa, com expansão das tecnologias de infraestrutura de transmissão, “onde as cifras indicam que o parque de aparelhos receptores [de televisão] aumentou seis vezes entre 1970 e 1983” (idem);
2. Aumento da importância econômica das comunicações, com o crescimento do investimento publicitário, que passou de 37 bilhões de pesos chilenos (1980) a 61,8 bi em 1989 (idem);
3. Aumento do poder de agentes privados, através do mercado, para o relaxamento de restrições de conteúdo do aparelho de censura da ditadura (ibid, p. 231);
4. Centralidade da televisão no sistema comunicacional, consolidando-se como principal produto cultural consumido pelas massas;
5. Criação de novos espaços políticos a partir da televisão, pelo processo de “mídiatização” da política nacional.

É interessante notar que este processo modernizador se relaciona com o apontamento teórico de Milton Friedman sobre a relação entre liberdade econômica e liberdade política: aquela é um componente essencial desta, ainda que não suficiente. Segundo o Capítulo I de sua obra *Capitalism and Freedom*:

Viewed as a means to the end of political freedom, economic arrangements are important because of their effect on the concentration or dispersion of power.

The kind of economic organization that provides economic freedom directly, namely, competitive capitalism, also promotes political freedom because it separates economic power from political power and in this way enables the one to offset the other.

(...)

History suggests only that capitalism is a necessary condition for political freedom. Clearly it is not a sufficient condition. Fascist Italy and Fascist Spain, Germany at various times in the last seventy years, Japan before World Wars I and II, tzarist Russia in the decades before World War I -- are all societies that cannot conceivably be described as politically free. Yet, in each, private enterprise was the dominant form of economic organization. It is therefore clearly possible to have economic arrangements that are fundamentally capitalist and political arrangements that are not free.

Aplicando a tese de Friedman à experiência comunicacional chilena, vemos que o processo de modernização do sistema comunicativo tem estreita relação com a redemocratização do país, no sentido de que a liberdade econômica semeada pelo governo de Augusto Pinochet introduz uma dinâmica de mercado nos meios de comunicação, que passam a responder aos anseios da sociedade de massas e às amarras autoritárias da ditadura.

Esta hipótese se confirma quando a TV experimenta, no final dos anos 80, importantes acontecimentos comunicacionais nos últimos atos da ditadura militar. O principal deles é a exibição da propaganda política obrigatória prévia ao plebiscito de 1988, onde os chilenos escolheriam SI (Sim) ou NO (Não) à continuidade de Pinochet no poder.

Pela primeira vez em 15 anos um programa de oposição ao governo era transmitido. A campanha do NO foi articulada por produtores e diretores independentes e profissionais que fizeram parte do processo de modernização e liberalização econômica das comunicações, anteriormente exposto (ibid, p.236-237). Tironi e Sunckel mostram que a estratégia do NO tinha quatro eixos fundamentais definidos a partir de **técnicas comerciais de publicidade**, como estudos de opinião pública, para **responder aos anseios da sociedade chilena**:

1. Formulação de uma mensagem que respondesse ao anseio reprimido dos chilenos pela reconciliação e coesão social;
2. Colocar fim aos abusos do Estado poderosos grupos privados contra a dignidade e os direitos humanos;
3. Oportunidades de progresso econômico e social para toda a sociedade, ao contrário do que sofreu uma grande camada empobrecida da sociedade, que se viu vítima de um processo de neoliberalismo aparelhado pela elite empresarial e política;

4. Abertura política à participação popular no debate nacional e reviver o sentimento de cidadania.

Ao mesmo tempo a campanha do SI investiu em uma mentalidade atrasada, associando o NO ao retorno aos tempos de caos social, econômico e político, escassez, fome, pobreza em massa e estatismo desenfreado. No final, a alegria do NO vence o medo do SI, com 55,99% dos votos, contra 44,01% da chapa oficialista.

Uma análise do filme “No”, de 2012 mostra exatamente que **a democracia era um produto altamente atraente para os chilenos em 1988 e, portanto, uma ideia de fácil “venda”**. Era impossível para a campanha do SI lutar contra valores universais prometidos pelo NO, como paz, alegria, amor, coesão social, diversidade.

Considerando que a ditadura e a economia livre transformaram para sempre o *ethos* dos chilenos, a campanha do NO atua de forma muito inteligente, oferecendo à cidadania um produto que correspondia aos seus anseios, a democracia, em uma roupagem que se incorporou à rotina do país graças à política econômica adotada pelo governo militar.

### 3. CONCLUSÃO

A partir da revisão histórica sobre a política e os meios de comunicação de massa do Chile antes, durante e depois do golpe de estado de 1973, podemos agora compreender que o papel do sistema midiático tradicional de massas vai muito mais além do apoio ao regime em nível orgânico, por adesão ideológica, ou forçado, por meio do aparelho de censura.

A historiografia das comunicações na América Latina atribui, por vezes, demasiada importância aos *media* da chamada imprensa alternativa, que apresentaram uma significativa resistência e ânimo para lutar pelos seus direitos de liberdade política, dignidade humana e liberdade de expressão. No entanto, estes meios, por seu caráter marginal e constantemente reprimido pelo governo, não fizeram parte de um movimento de maior impacto sobre o sistema de meios do Chile: a liberalização econômica e a modernização.

Conforme o exposto por Milton Friedman, Eugenio Tironi e Guillermo Sunckel, a matriz macroeconômica apoiada em princípios de livre mercado acionou o gatilho nos meios de comunicação de massas para o processo de redemocratização do país, uma vez que as restrições políticas exigidas pelo governo militar se tornavam cada vez mais

insustentáveis para os *media* em termos de mercado, frente às exigências e anseios do público.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

POBLADOR que interpeló al Papa Juan Pablo II: "Mataron a mi hijo por lo que hice". El Mostrador, Santiago, 26 de setembro de 2012. Disponível em: <<http://www.elmostrador.cl/noticias/pais/2012/09/26/poblador-que-interpelo-al-papa-juan-pablo-ii-mataron-a-mi-hijo-por-lo-que-hice/>>. Acesso em 25/11/2015.

JOÃO PAULO II. *Discurso del santo padre Juan Pablo II a los jóvenes*. Santiago, 1987. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/es/speeches/1987/april/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19870402\\_giovani-santiago.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/es/speeches/1987/april/documents/hf_jp-ii_spe_19870402_giovani-santiago.html)>. Acesso em: 28/11/2015.

*Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, p.1, 12 set. 1973.

GONZALEZ, Mike. *Chile 1972-1973: Revolução e Contrarrevolução*. São Paulo: Revolutas. Disponível em: <<http://marxismo21.org/wp-content/uploads/2013/09/Gonzalez-Revolucao-e-Contrarevolucao.pdf>>. Acesso em 19/01/2015.

WORLD BANK. *World Development Indicators – Chile: banco de dados*. World Data Bank. Disponível em: <<http://databank.worldbank.org/data/reports.aspx?source=2&country=CHL&series=&period=#>>. Acesso em: 29/11/2015.

LEÓN, Julio César Moreno. *En el espejo de la historia: El naufragio de la democracia chilena*. Pizarón Latinoamericano, Caracas: Universidad Metropolitana. Ano 3, volume 6, p.69-83, 2015.

UNIDAD POPULAR (Chile). *Candidatura presidencial de Salvador Allende: programa básico de gobierno de la Unidad Popular*. Santiago: 1970, 48 p.

BIBLIOTECA NACIONAL DE CHILE. *El gobierno de la Unidad Popular (1970-1973)*. Memoria Chilena. Disponível em <<http://www.memoriachilena.cl/602/w3-article-31433.html>>. Acesso em 29/11/2015.

ARROYO, Jorge D. Entre la farándula y el duopolio: tratamiento a “lo popular” y configuración de ideario en la prensa diaria en Chile (1960-2008). Una aproximación hasta (hacia) el presente. *Revista F@ro*, n.7, Valparaíso: Universidad de Playa Ancha, 2008.

TIRONI, Eugenio; SUNCKEL, Guillermo, “Modernización de las comunicaciones y democratización de la política. Los medios en la transición a la democracia en Chile”. *Estudios Públicos*. Centro de Estudios Públicos. N° 52, 1993, pp. 215-243.

SANTA CRUZ A., Eduardo. Los orígenes del periodismo radial en Chile. In: XII CONGRESO LATINOAMERICANO DE INVESTIGADORES DE LA COMUNICACIÓN, Lima, 2014. *Anais eletrônicos...* Lima: ALAIC, 2014. Disponível em: <<http://congreso.pucp.edu.pe/alaic2014/wp-content/uploads/2013/09/vGT17-Eduardo-Santa-Cruz.pdf>>. Acesso em 29/11/2015.

MAULME, Cristóbal Antonio V. *La sustentabilidad de Televisión Nacional de Chile (TVN) en el futuro digital*. 2006. 106 f. Tese. (Mestrado em Comunicação Social) – Facultad de Comunicaciones, Pontificia Universidad Católica de Chile.

FRIEDMAN, Milton. *Capitalism and Freedom*. London: University of Chicago Press, 1982.

NO. Direção: Pablo Larraín. Produção: Juan de Dios Larraín e Pablo Larraín. Roteiro: Pedro Peirano (A partir da obra de teatro El plebiscito de Antonio Skármeta). Intérpretes: Gael García Bernal, Alfredo Castro, Luis Gnecco, Néstor Cantillana, Antonia Zegers, Jaime Vadell, Marcial Tagle e outros. [S.I.]: Fábula; Bf Distribución (Chile); Sony Pictures Classics (EUA), 2012. 1 filme (118 min), son., color., 35mm.